

O Ataliba com quem convivi...

Prof. Miguel Salles
(Faculdades Oswaldo Cruz)

Se medida no tempo, minha convivência com Ataliba não justifica sequer meia página de um depoimento sobre sua pessoa, e muito menos sobre sua produção acadêmica. Felizmente, nem tudo se mede pelo termômetro do tempo. A imaginação humana cria formas de intensificar qualitativamente tudo o que a mensuração temporal apenas quantifica em anos, meses ou dias.

Nos anos setenta, principiante na carreira universitária, sem ter passado pelo crivo da pós-graduação, então rarefeita, assumi a regência da disciplina Filologia e Língua Portuguesa numa instituição particular, ostentando como título tão-somente a licenciatura em Letras Clássicas conferida pela antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, ainda no *campus* da Maria Antônia. Ataliba, nove anos mais moço, por essa época, estava refugiado numa cidade do interior paulista, exatamente Marília, cuja faculdade de Letras era recém-fundada. Refugiado, sim, pois lá procurado pelo Prof. Spina para assumir, na FFCL da USP, a cátedra de Filologia e Língua Portuguesa, que vagara, rejeitou o cobiçado convite.

O elo que me unia a esse Ataliba de Marília era um artigo de sua autoria sobre ‘aspecto verbal’, publicado na revista *Alfa*, órgão da incipiente faculdade interiorana. Limitado pela indigência bibliográfica de uma instituição particular, nos primórdios dos estudos lingüísticos entre nós, o tema tratado na revista *Alfa* acrescentava muito a quem dispunha exclusivamente do precioso livro de Othon M. Garcia, *Comunicação em prosa moderna*, editado pela FGV. En-

tão a figura de Ataliba ocupava nosso imaginário como um mito, inalcançável no tempo e no espaço.

Na primeira metade da década de noventa, foi aberto na FFLCH da USP um concurso para preenchimento de algumas vagas no quadro de professores da área de Filologia e Língua Portuguesa. Inscrevi-me e, entre a vintena de candidatos disputando quatro vagas, deparei nada mais nada menos com Ataliba, na época já tendo percorrido longa e produtiva carreira na Unesp (Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho) e na Unicamp. Era inacreditável eu estar concorrendo a uma vaga de professor da USP, justamente com Ataliba. O mito encarnar-se e lá estava entre nós, sem nenhuma ostentação ou arrogância, trocando idéias com os colegas sobre os pontos a ser sorteados para a prova de erudição. O Ataliba mitológico do artigo da revista *Alfa*, na década de setenta, mostrava-se agora ante nossos olhos com a simplicidade de todo postulante a uma vaga em início de carreira, ele que, anos antes, rejeitara assumir sem disputa a cadeira de Filologia e Língua Portuguesa. Pois bem, o concurso não teve outro desfecho: Ataliba ingressou na USP pela porta estreita do concurso. Como queria.

Na segunda metade da década de noventa, reativando as atividades acadêmicas em todos os sentidos, como sempre fizera nas instituições por onde passara, Ataliba coordenou um seminário para dar início à recuperação dos estudos históricos sobre a linguagem, então praticamente esquecidos na maior Universidade brasileira. Destinados a todos os interessados, passei a freqüentar os encontros quinzenais que ressuscitaram os neogramáticos, Hermann Paul e outros. Na mesma época, fiel à sua vocação de atirar com segurança em todas as direções ao mesmo tempo, Ataliba lançou seu *Projeto para a História do Português Brasileiro – São Paulo* (PHPB-SP).

Então o elo que se estabelecera ténue vinte anos atrás com o mito, agora se estreitava com o homem. Candidatei-me com êxito a uma vaga à sua orientação para um doutorado de há muito protelado. Um doutorado outonal, que só poderia ter a acolhida que teve da parte de uma pessoa como Ataliba, sem preconceito, sem discriminação. Diante dele eu era um candidato, nem mais nem menos, cujas aptidões intelectuais e traços de carácter lhe competiam avaliar.

Cinco anos decorreram até a defesa da tese. Anos de solidificação de uma convivência acadêmica em que, ao lado do refinamento intelectual, o convívio de orientador e orientando propiciou a criação de vínculos humanos indeléveis, dos quais eu, egoisticamente, estava sendo o maior beneficiário.

Na passagem do século, de La Jolla (San Diego), onde fazia pós-doutorado, cumprida a tarefa (árdua) de ler a pré-redação de minha tese de doutorado (que eu lhe enviara por correio), Ataliba, sem deixar de enumerar as questões que fora anotando, assim se refere a meu trabalho e à minha pessoa:

E por falar em século, fiquei pensando que o meu querido Miguel deu em cada século uma excelente contribuição à Lingüística Brasileira: no passado, a Cristina – que tá botando pra quebrar em nosso país, e a partir de 2002, na América Latina – e neste século, sua tese. ...

Esse é o Ataliba com quem convivi e aprendi a admirar, como intelectual e como homem.